



Lugares que ocupam as línguas em publicações na área de Linguística Aplicada: análise de três periódicos com classificação máxima no Qualis/CAPES

The places that languages occupy in publications of Applied Linguistics area: an analysis of three academic journals with maximum Qualis/CAPES evaluation

Lugares que ocupan las lenguas en publicaciones en el área de Lingüística Aplicada: análisis de tres periódicos con clasificación máxima en el Qualis/CAPES

Tadinei Daniel Jacumasso

Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná

Resumo

Apresentamos neste artigo uma análise sobre os lugares que ocupam as línguas em publicações na área da Linguística Aplicada. Para tanto, investigamos três revistas especializadas nessa área com classificação máxima no Qualis/CAPES. Qualis é um sistema brasileiro para avaliação de produção científica. O *corpus* está constituído de duzentos e sessenta artigos que foram publicados entre janeiro de 2017 e julho de 2019. A fundamentação teórica está apoiada nos estudos sociolinguísticos, mais especificamente na área das Políticas Linguísticas. Os resultados mostram que a língua inglesa ocupa em relação a outras línguas estrangeiras um lugar de destaque nessas publicações analisadas, e esse lugar alcançado é efeito de um processo que tenta impor um modelo único de fazer ciência e de divulgar os seus resultados.

Palavras-chave: políticas linguísticas, linguística aplicada, lugar das línguas.

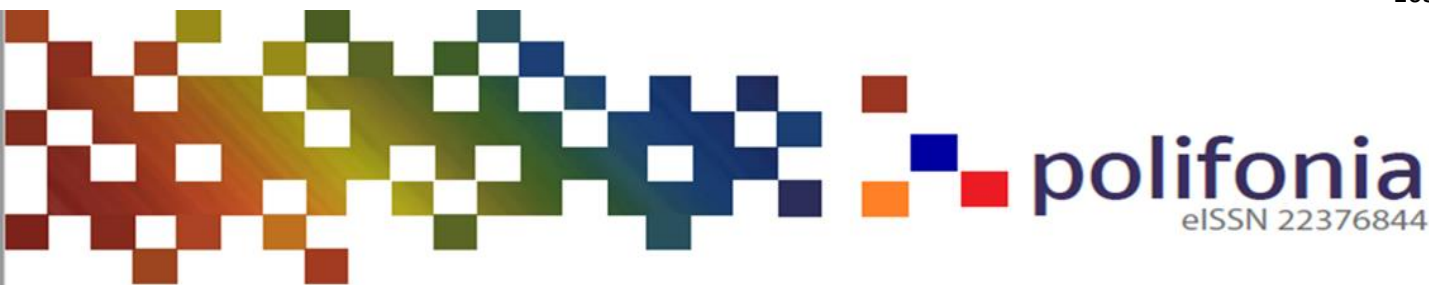
Abstract

This article presents an analysis on the places that languages occupy in the Applied Linguistic publications in Brazil. For such, three specialized academic journals with maximum Qualis/CAPES evaluation are investigated. Qualis is a Brazilian system for scientific production evaluation. The corpus is composed of two hundred and sixty papers which were published between January of 2017 and July of 2019. The theoretical foundation is grounded on Sociolinguistics studies, more specifically on those from the area of Language Policies. The results show that English occupies, in relation to other foreign languages, a prominent space in the analyzed publications; in addition, such place is an impact of a process that attempts to impose a unique model of doing science and spreading its results.

Keywords: language policies, applied linguistics, place of languages.

Resumen

Presentamos en este artículo un análisis acerca de los lugares que ocupan las lenguas en publicaciones en el área de la Lingüística Aplicada. Para tanto, investigamos tres revistas especializadas en esa área con clasificación máxima en el Qualis/CAPES. Qualis es un sistema brasileño para evaluación de producción científica. El *corpus* está constituido de doscientos y sesenta artículos que fueron publicados entre enero de 2017 y julio de 2019. La fundamentación teórica está apoyada en los estudios sociolingüísticos, más específicamente en el área de las



Políticas Lingüísticas. Los resultados muestran que la lengua inglesa ocupa en relación a otras lenguas extranjeras un lugar de destaque en esas publicaciones analizadas, y ese lugar alcanzado es efecto de un proceso que intenta imponer un modelo único de hacer ciencia y de divulgar sus resultados.

Palabras-clave: políticas lingüísticas, lingüística aplicada, lugar de las lenguas.

1. Introdução

O objetivo principal deste artigo é apresentar uma reflexão sobre os lugares que ocupam as línguas nas publicações de artigos científicos em três periódicos brasileiros da área da Linguística Aplicada classificados no período 2013-2016 no Qualis da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) como A1, a classificação máxima. As três revistas analisadas são: i) Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada (DELTA), vinculada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP); ii) Revista Brasileira de Linguística Aplicada (RBLA), vinculada à Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e; iii) Trabalhos em Linguística Aplicada (TLA), vinculada à Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). De acordo com o contido na plataforma, o Qualis Periódicos é:

um sistema usado para classificar a produção científica dos programas de pós-graduação no que se refere aos artigos publicados em periódicos científicos [...]. A classificação de periódicos é realizada pelas áreas de avaliação e passa por processo anual de atualização. Esses veículos são enquadrados em estratos indicativos da qualidade - A1, o mais elevado; A2; B1; B2; B3; B4; B5; C - com peso zero. (SUCUPIRA, 2019, s/p.)

O recorte temporal desta pesquisa está limitado às publicações ocorridas entre os meses de janeiro de 2017 a julho de 2019. Nesse período, foram publicados duzentos e sessenta artigos nessas três revistas por pesquisadores de várias universidades brasileiras e estrangeiras. As línguas utilizadas para a produção desses artigos é o tema que será discutido neste texto. Trata-se, portanto, de uma pesquisa que visa a investigar o lugar que as línguas ocupam nas publicações de três conceituados periódicos brasileiros.

Para situar nossa perspectiva de análise, é relevante discorrer brevemente sobre a área da Linguística Aplicada e sua relação com outras áreas do conhecimento, sobretudo na sua



relação com a Sociolinguística e com as Políticas Linguísticas. De acordo com Menezes, Silva e Gomes (2009),

parece haver consenso de que o objeto de investigação da (LA) é a linguagem como prática social, seja no contexto de aprendizagem de língua materna ou outra língua, seja em qualquer outro contexto onde surjam questões relevantes sobre o uso da linguagem. (MENEZES; SILVA; GOMES, 2009, p. 25)

Como se pode notar nas palavras dos autores, atualmente não se concebe mais a Linguística Aplicada como a mera aplicação (ou tentativa de) da linguística teórica. A partir dessa concepção fica nítida a sua possibilidade de dialogar com outras áreas do conhecimento, especialmente no que diz respeito aos estudos da linguagem. Uma dessas áreas é a Sociolinguística, haja vista que se o objeto de investigação da Linguística Aplicada é a linguagem como prática social, conforme mencionam os autores acima, os estudos sociolinguísticos tomam como ponto de partida as questões sociais para o estudo das línguas e dos falantes, ou seja, não há como estudar as questões linguísticas sem que variáveis sociais (sexo/gênero, idade, nível de escolaridade, entre outras) estejam diretamente relacionadas. Sobre essa relação, Monteiro (2000) afirma que “a língua e a sociedade são duas realidades que se inter-relacionam de tal modo, que é impossível conceber-se a existência de uma sem a outra” (MONTEIRO, 2000, p. 13).

Apesar de a Sociolinguística, a Linguística Aplicada e as Políticas Linguísticas parecerem campos bastante distintos para alguns pesquisadores, atualmente essas áreas têm se aproximado e dialogado com frequência. Para exemplificar, Silva Filho, Schmidt e Souza (2016) assinalam que

a LA [Linguística Aplicada] tem se debruçado sobre as implicações políticas do ensino e aprendizagem de línguas, como por exemplo o papel das línguas estrangeiras na educação linguística dos cidadãos e no currículo escolar, também o modelo de língua e formas de tratamento da diversidade linguística em contextos educativos. (SILVA FILHO; SCHMIDT; SOUZA, 2016, p. 352).

Nesse mesmo sentido, Savedra e Lagares (2013) afirmam que “atualmente os estudos sobre política e planificação linguística são campo de estudo e aplicação da Sociolinguística,



Linguística Aplicada e do Ensino de línguas” (SAVEDRA; LAGARES, 2013, p. 15). Esses mesmos autores reafirmam esse diálogo entre as áreas citadas e mencionam que

o interesse pelas questões que dizem respeito às políticas linguísticas estão no centro de numerosas pesquisas situadas no âmbito não apenas da Sociolinguística e da Etnolinguística ou da Antropologia Linguística, mas também (e sobretudo) da Linguística Aplicada, ou nas pesquisas que abordam o fenômeno da linguagem pelo viés discursivo, dado que estes trabalhos observam o modo como a história e a ideologia se inscrevem nos enunciados que circulam na sociedade. (SAVEDRA; LAGARES, 2013, p. 16)

Em vista do exposto acima, no que diz respeito à relação entre Linguística Aplicada e Políticas Linguísticas, é possível afirmar que são duas áreas que se relacionam constantemente e que as publicações decorrentes das investigações realizadas nessas áreas dialogam à medida que o objeto de estudo pode ser o mesmo; em muitos casos, o que varia são as abordagens e os métodos usados para o desenvolvimento das pesquisas. Trata-se, portanto, de duas áreas com metodologias específicas, mas que se relacionam mutuamente. Além disso, cabe mencionar que o surgimento delas ocorreu na mesma época, ou seja, logo no início da segunda metade do século XX, e seu crescimento avança com velocidades parecidas.

Nesse cenário, a relação que estabelecemos parte da investigação de artigos notadamente situados na área da Linguística Aplicada uma vez que a amostra estudada são três revistas que publicam nessa área, e fazemos uso de aporte teórico da área das Políticas Linguísticas, construindo nossa argumentação e acionando conceitos e discussões que subsidiam nossa análise e interpretação sobre os lugares que ocupam as línguas no âmbito das publicações científicas.

Este texto está subdividido em três partes, além da introdução. No próximo item, apresentamos os procedimentos metodológicos adotados para o desenvolvimento deste estudo e a constituição do *corpus*. Em seguida, a descrição e análise dos dados. Ao final, traçamos as considerações finais.



2. Metodologia

O procedimento metodológico adotado para a constituição do *corpus* consiste em identificar os periódicos com classificação A1 no Qualis/CAPES na última avaliação da área, ocorrida em 2016. Em que pese vários outros periódicos publicarem trabalhos de Linguística Aplicada, um dos critérios para a escolha dessas três revistas mencionadas acima é que constem no seu nome as palavras “linguística aplicada”. O outro critério é a classificação máxima no Qualis. Após o atendimento a esses dois critérios, chegamos à definição dos periódicos – DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, Revista Brasileira de Linguística Aplicada e Trabalhos em Linguística Aplicada –, os quais são reconhecidos pela comunidade acadêmica como importantes meios de divulgação das pesquisas desenvolvidas na área de Linguística Aplicada.

Após a definição das três revistas que compõem o *corpus* da pesquisa, o caminho metodológico seguiu os seguintes passos: → acesso à página web das três revistas → busca pelas edições publicadas a partir de janeiro de 2017 → acesso a todos os artigos publicados para identificar a língua na qual foram escritos → elaboração da tabela com os resultados obtidos em relação às línguas usadas na produção dos artigos publicados. No total, foram publicados e investigados duzentos e sessenta artigos, conforme demonstrado a seguir.

Tabela 1: Dados em relação às línguas usadas na produção dos artigos publicados

Revista	ISSN	Qualis (2013-2016)	Nº de artigos em português	Nº de artigos em inglês	Nº de artigos em espanhol	Nº de artigos em francês	Total de artigos (2017-2019)
DELTA	1678-460X	A1	90	15	5	0	110
RBLA	1984-6398	A1	61	29	4	0	94
TLA	2175-764X	A1	46	4	6	0	56
			197 (75,77%)	48 (18,46%)	15 (5,77%)	0 (0,0%)	260 (100%)

Fonte: Autoria própria

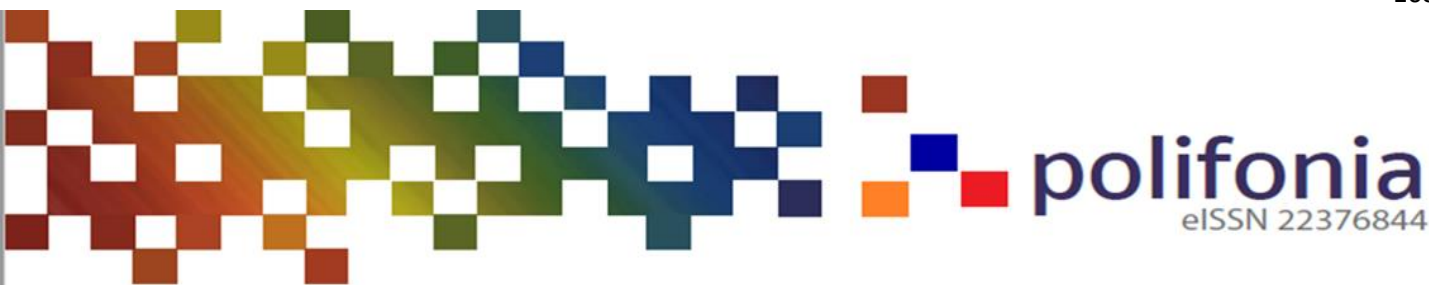


A seguir, apresentamos a descrição e análise dos dados. Tomamos como base a interpretação fundamentada em nossa experiência de pesquisador e cotejamos esses dados com resultados de outros estudos desenvolvidos sobre os lugares das línguas nas ciências. Nossa análise, seguramente, não é conclusiva e está sujeita a interpretações divergentes.

3. Descrição e análise dos dados

Observamos nos números demonstrados na tabela 1, acima, que a maior parte, isto é, cento e noventa e sete dos artigos pesquisados foram publicados em português, equivalente a 75,77% do total. Do nosso ponto de vista, esse resultado não é surpreendente, uma vez que a maioria dos trabalhos publicados foi escrita por brasileiros, e a língua oficial da ciência no país é o português, ou seja, é compreensível que a maioria dos artigos esteja em português por essa ser a língua nacional e por serem revistas brasileiras. Aqui cabe um parêntese para mencionar que no Brasil cerca de 95% das pessoas são falantes de português como língua materna. No entanto, o alto percentual de falantes de português não deve servir como argumento para a sustentação do mito do monolinguismo brasileiro.

Um dado que chamou a nossa atenção foi a ausência de publicações em francês, haja vista que nas normas de duas (Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada e Trabalhos em Linguística Aplicada) das três revistas analisadas consta a possibilidade de publicação de artigos nessa língua e, por isso, a incluímos na tabela 1. Essa ausência de publicações em língua francesa é um dado que demonstra um certo declínio no que diz respeito ao espaço que essa língua ocupa atualmente em relação ao lugar que já ocupou no cenário das línguas estrangeiras no Brasil, inclusive fazendo parte da matriz curricular de várias escolas brasileiras em tempos passados. Diante disso, no que se refere às Políticas Linguísticas, constatamos, a partir dos dados da nossa pesquisa, que a língua francesa ocupa um lugar de menor destaque se comparado aos lugares ocupados pelo inglês e pelo espanhol e, também, comparando ao lugar que o próprio francês já ocupou no cenário brasileiro das línguas estrangeiras. Além disso, é necessário destacar que no nosso país, segundo dados do Ministério da Educação, há um número significativo de cursos de graduação em nível superior em Letras Francês ou Letras Português-Francês (MEC, 2019). São mais de sessenta



cursos de graduação na área da língua francesa, nos quais certamente se produz conhecimento científico e que, portanto, essa língua poderia ocupar um lugar nas publicações dos periódicos investigados, especialmente porque duas das três revistas estudadas aceitam submissões de textos nessa língua.

Outro dado que merece ser mencionado aqui é a destinação de um número exclusivo para publicações em inglês. Trata-se do vol. 17, n. 2, da Revista Brasileira de Linguística Aplicada, no qual foram publicados seis artigos em língua inglesa, além da apresentação do volume nessa mesma língua. Essa destinação de um número exclusivo para publicações em língua inglesa é um dado que coaduna com o lugar de destaque dado ao inglês e observado nos resultados em relação às publicações em língua inglesa e em língua espanhola. Em inglês, foram publicados, nas três revistas, quarenta e oito artigos e, em espanhol, constam publicações de apenas quinze artigos, ou seja, o lugar ocupado pelo inglês atinge a marca de 18,46% do total, enquanto o espanhol ocupa apenas 5,77% dos textos analisados.

Esses resultados são reflexo de uma espécie de “internacionalização linguística”, haja vista que, desde a segunda metade do século XX, a língua inglesa tem ocupado um lugar, conforme Hamel (2017a), nunca visto antes na história dos povos. De acordo com o autor,

trata-se do primeiro caso na história da humanidade em que uma língua se estende de maneira tão massiva, em profundidade e extensão, de modo que adquire uma posição quase monopólica em uma série de campos e ameaça os espaços de muitas outras línguas. (HAMEL, 2017a, p. 43. Tradução do autor)

Como se nota nas palavras do autor, a centralidade do inglês como língua de alcance internacional é, além de impressionante, um fato nunca visto anteriormente na história da humanidade. A expansão do inglês atinge, possivelmente, todos os âmbitos das sociedades ocidentais, seja na economia, na educação, na saúde, na ciência, para citar alguns. Na área da ciência e tecnologia, por exemplo, a língua inglesa lidera os *rankings* de língua mais usada nas publicações de artigos científicos, conforme apresentamos adiante. No caso sob análise, os resultados demonstram esse lugar de destaque que ocupa a língua inglesa.

Nossa percepção em relação ao avanço da língua inglesa na área científica, sobretudo em algumas áreas do conhecimento, indica que se os resultados das pesquisas não são publicados nessa língua, o valor do trabalho é diminuído, como se fossem estudos de menor



impacto, haja vista que têm menos chances de serem citados e, por isso, pontuam menos nos índices de internacionalização das universidades e nas avaliações dos programas de pós-graduação *stricto sensu*, por exemplo. De acordo com Finardi e Guimarães (2017),

a publicação em inglês aumenta a possibilidade de receber citações e, conseqüentemente, de ter impacto internacional. Isso cria um círculo vicioso no qual os países que mais publicam em inglês têm cada vez mais impacto na produção científica internacional, atraindo assim mais recursos e acadêmicos internacionais. (FINARDI; GUIMARÃES, 2017, p. 618)

Além disso, também é notório que o monolinguismo acadêmico tem sido ampliado ao passo que quem usa a língua inglesa como língua de comunicação (escrita e oral) para divulgação de seus trabalhos e para consulta de estudos de outros pesquisadores tem deixado de usar outras línguas no seu fazer acadêmico e científico. Se, por um lado, esse monolinguismo pode facilitar suas atividades científicas, por outro lado, quem tem dado lugar ao inglês em detrimento de outras línguas passa por um processo de empobrecimento em relação às riquezas que o plurilinguismo oferece a quem se utiliza dele. Entre outras vantagens, Zimmer (2014) aponta que os falantes bi/multilíngues apresentam um maior potencial de criatividade, grande flexibilidade mental, maior consciência metalinguística, aumento de reservas cognitivas, o que resulta, por exemplo, no atraso em torno de quatro anos dos sintomas de demências, como no caso do Mal de Alzheimer. Segundo a autora, “esses efeitos do bi/multilinguismo acarretam uma maior promoção de reservas cognitivas, aumentando a neuroplasticidade” (ZIMMER, 2014, p. 4).

Entre outras questões envolvidas nesse processo de dar lugar de destaque ao inglês nas publicações científicas, é necessário esclarecer que algumas áreas do conhecimento privilegiam mais essa língua do que outras. Com base em García Delgado, Alonso e Jiménez (2013), em 2010, as revistas internacionais indexadas na *Web of Science* publicaram 72% dos artigos da área de ciências humanas em inglês, já na área de ciências sociais o número de publicações atinge a marca de 94%, e na área de ciências naturais o índice chega a 96% das publicações. Apesar de não termos números para sustentar essa afirmação, é provável que esses percentuais tenham aumentado desde 2010 até a presente data, dado o avanço que o



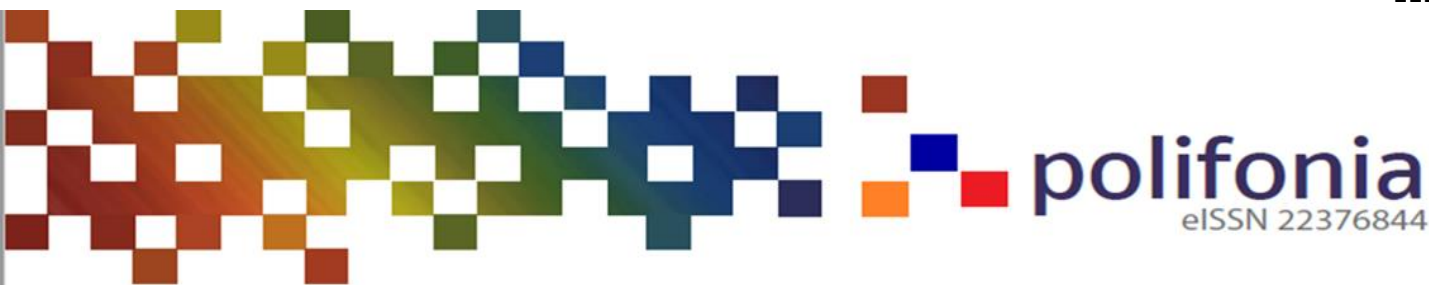
inglês tem conseguido em termos de lugar nas publicações científicas e também pela sua inserção na área tecnológica.

Numa tentativa de medir o peso e o valor das línguas, Calvet (1999) faz uso de uma metáfora espacial para colocar a constelação linguística em órbita. Para o autor, no seu modelo gravitacional, por meio de sujeitos bilíngues, as línguas se ligam entre si. O referido autor entende que há necessidade de diferenciar, por um lado, o bilinguismo que nasce da aprendizagem programada e o bilinguismo que surge da aprendizagem espontânea, e por outro lado, o bilinguismo horizontal e o vertical, segundo a aprendizagem tenha como objeto uma língua do mesmo nível ou de um nível superior ou inferior (LAGARES, 2013). Nesse modelo proposto, as línguas supercentrais (espanhol, alemão, francês, português, russo, entre outras) gravitam ao redor de uma língua hipercentral (inglês). Nessa órbita, centenas de línguas centrais (sueco, holandês, guarani, quéchua, aimara) gravitam em torno de línguas supercentrais. Para concluir o modelo espacial das línguas, aproximadamente seis mil línguas periféricas (na sua maioria línguas indígenas sem *status* de língua oficial) gravitam ao redor de línguas centrais.

Nesse sistema proposto por Calvet (1999),

os falantes da língua hipercentral manifestam uma forte tendência ao monolinguismo; os das línguas supercentrais, ao bilinguismo horizontal e ao vertical com o inglês; os das línguas centrais, ao bilinguismo vertical com as supercentrais; e, finalmente, os falantes das línguas periféricas seriam autênticos políglotas, com uma forte tendência ao plurilinguismo horizontal e vertical. (LAGARES, 2013, p. 387)

Esse lugar de destaque dado ao inglês faz parte de um processo que, nas palavras de Calvet (2007), chama-se planejamento de *status*. Para o autor, em linhas gerais, planejar o *status* de uma língua é interferir nas funções e nas suas designações. De certo modo, é atribuir valores às línguas e dizer em que espaços institucionais elas podem habitar legalmente. Outro tipo de planejamento descrito pelo mesmo autor é o de *corpus*, isto é, planejar o *corpus* de uma língua é tratar da sua matéria em si, dos seus instrumentos, ferramentas ou plataformas, como a criação de dicionários, de gramáticas, de acordos ortográficos, entre outros. Ademais, é válido sublinhar que o planejamento de *corpus* da língua e o planejamento de *status* da língua estão relacionados entre si e um pode interferir no outro.



Cooper (1997) usa outros termos para tratar da mesma temática. Esse autor chama o planejamento de *corpus* de planejamento formal da língua e o planejamento de *status* de planejamento funcional da língua. No caso sob análise, estamos lidando com o planejamento funcional da língua ou, como diria Calvet (2007), planejamento de *status*. Segundo Cooper (1997), “se denomina planejamento funcional da língua às atividades deliberadas a influir na distribuição de funções entre as línguas de uma comunidade” (COOPER, 1997, p. 122. Tradução do autor). Esse autor ainda acrescenta, na sua análise, um terceiro tipo de planejamento, o planejamento da aquisição da língua, que está relacionado às políticas de ensino e aprendizagem das línguas.

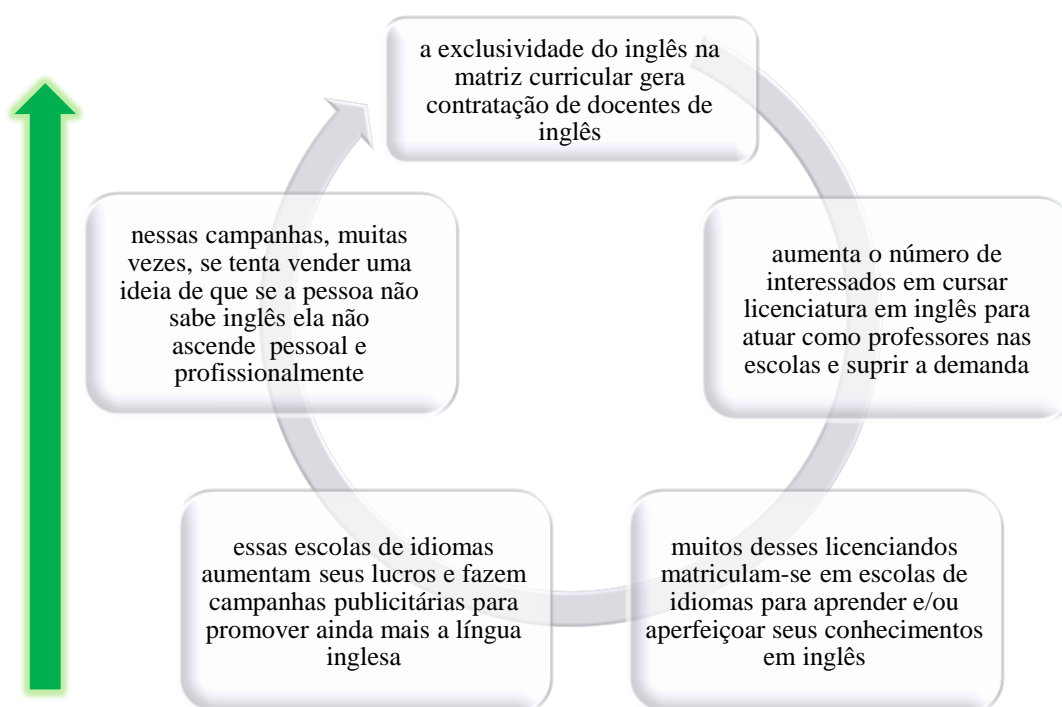
Nesse sentido, o lugar dado ao inglês nas publicações científicas é resultado de um processo de planejamento de *status* ou planejamento funcional dessa língua. Trata-se de um processo que não é natural, como poderia ingenuamente ser interpretado, mas reflexo de políticas linguísticas desenvolvidas ao longo dos anos. No Brasil, por exemplo, para citar um caso ilustrativo, o inglês é a única língua estrangeira que compõe legalmente a matriz curricular das escolas no Ensino Médio. Apesar de todos os esforços de várias instituições para que na reforma do Ensino Médio, ocorrida no final de 2016, se valorizasse o plurilinguismo nas escolas, não foi o entendimento dos governantes que detinham o poder de decisão político-linguística naquele momento, ou seja, aqueles que legislaram naquela ocasião.

Esse gesto político-linguístico de restringir-se a uma única língua na matriz curricular das escolas produz efeitos favoráveis à promoção do inglês. Esses efeitos podem ser notados em vários pontos. De forma resumida, mostramos despretensiosamente como se pode criar uma cadeia ou círculo vicioso a partir dessa política de favorecimento a uma língua. Como se trata de um círculo ou uma cadeia, não há como dizer onde começa e onde termina. No entanto, podemos elencar alguns itens desse processo. A exclusividade de uma língua na matriz curricular das escolas de todo o Brasil, por exemplo, gera contratação de docentes de inglês para atender à demanda → aumenta o número de interessados em cursar licenciatura em inglês para atuar como professores nas escolas e suprir a demanda → muitos desses licenciandos matriculam-se em escolas de idiomas para aprender e/ou aperfeiçoar seus conhecimentos em inglês → essas escolas de idiomas aumentam seus lucros e fazem



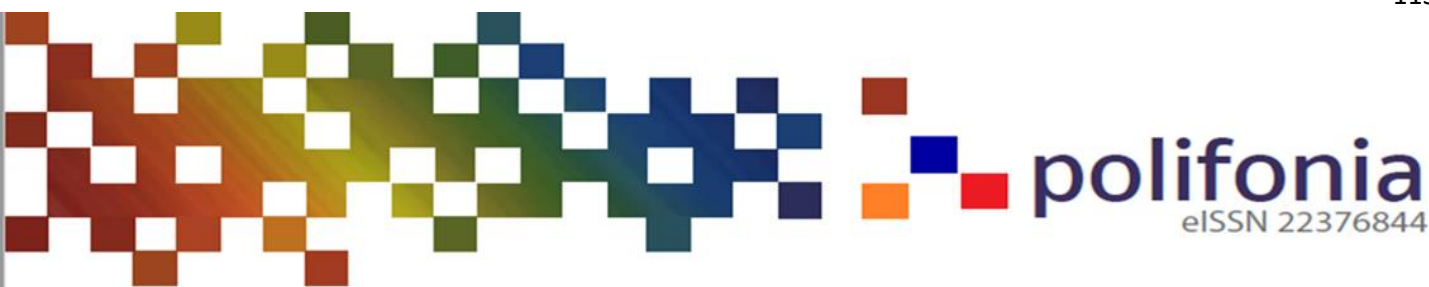
campanhas publicitárias para promover ainda mais a língua inglesa → nessas campanhas, muitas vezes, se tenta vender uma ideia de que se a pessoa não sabe inglês ela não ascende pessoal e profissionalmente (em alguns casos a ideia é de que a pessoa não serve para nada se não souber inglês) → e esse círculo ou cadeia está composto/a de vários outros elementos. O mercado editorial é um dos elementos que faz parte desse processo. No caso do inglês, esse mercado editorial se vê cada vez mais fortalecido quando se adota uma política linguística como essa que vimos apresentando. Se fosse outra língua a privilegiada, o mercado editorial acerca dessa língua também se fortaleceria, ou seja, esse fortalecimento não é exclusividade de uma ou outra língua.

Quadro 1: Efeitos do processo de exclusividade do inglês na matriz curricular das escolas



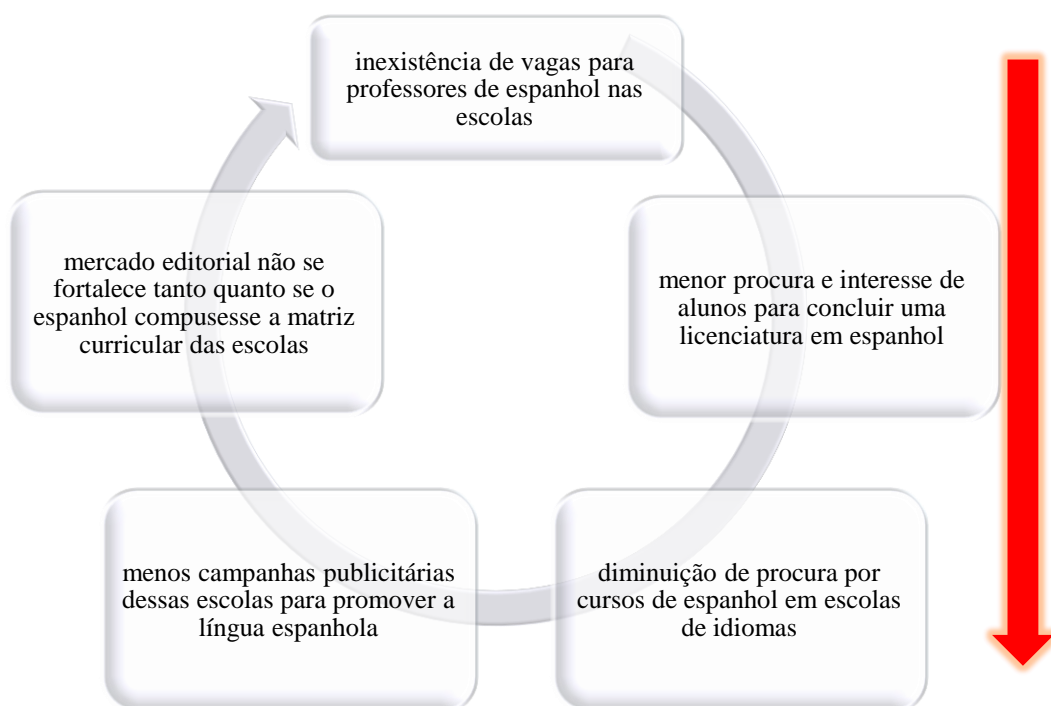
Fonte: Autoria própria

Se, por um lado, toda essa cadeia relacionada à língua inglesa se fortalece com a adoção dessa língua de forma exclusiva nas escolas brasileiras de Ensino Médio, por outro lado, a promoção de outras línguas sofre um abalo difícil de ser superado a curto prazo. É o caso da língua espanhola, por exemplo, que vê seu lugar nas escolas ser praticamente extinto



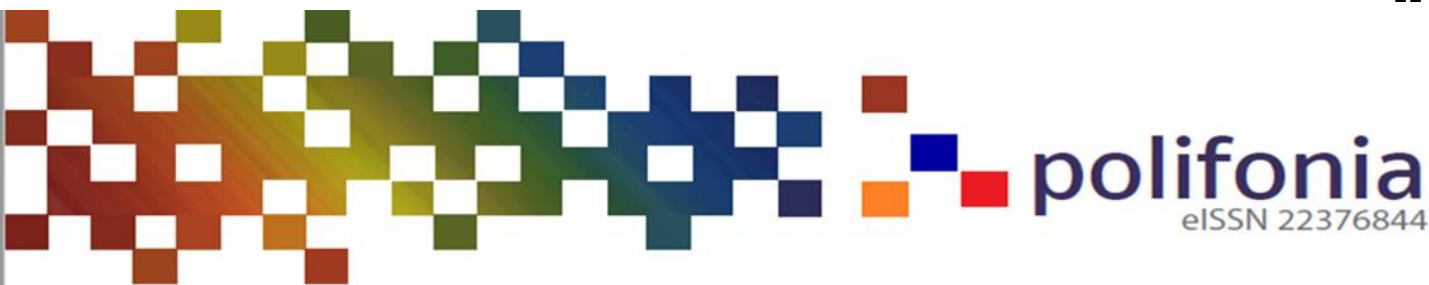
após a revogação da Lei n. 11.161, de 2005, conhecida como a Lei do Espanhol. E isso também gera efeitos negativos para a promoção dessa língua. Esses efeitos também agem em círculo ou cadeia: inexistência de vagas para professores nas escolas → menor procura e interesse de alunos para concluir uma licenciatura em espanhol → diminuição de procura por cursos de espanhol em escolas de idiomas → menos campanhas publicitárias dessas escolas para promover a língua espanhola → mercado editorial não se fortalece tanto quanto se o espanhol compusesse a matriz curricular das escolas.

Quadro 2: Efeitos do processo de exclusão do espanhol da matriz curricular das escolas



Fonte: Autoria própria

Como não é nosso objetivo tratar de modo reducionista um tema tão complexo, optamos por alertar ao leitor deste texto que esses itens acionados para compor essa cadeia ou círculo são apenas alguns elementos de um amplo e complexo campo que diz respeito às Políticas Linguísticas e aos lugares das línguas na sociedade e nos sistemas de ensino brasileiros. Do nosso ponto de vista, os elementos que compõem esses círculos ou cadeias refletem nos lugares que ocupam as línguas nas publicações de artigos científicos, seja dando



um lugar de maior destaque, no caso do inglês, seja deslocando as outras línguas para lugares de menor visibilidade.

Para Hamel (2017b), a expansão da língua inglesa nas ciências e no ensino superior parece obedecer a uma estratégia imperialista implícita. O modo de operar essa estratégia tem a ver com a noção bourdieusiana de *habitus*, na medida em que essa noção se aproxima de uma “estratégia sem cálculo estratégico” (HAMEL, 2017b, p. 244). Isso equivale a dizer que para Bourdieu os comportamentos podem apresentar-se com certa regularidade sem, no entanto, serem o resultado da obediência a regras explícitas. Além disso, para o sociólogo francês, a palavra *regra* carrega consigo uma ambiguidade. Por isso, os escritos teóricos do autor estão alinhados aos conceitos de estratégia, práticas e *habitus*, além de outros, e não de atendimento a regras. De acordo com Souza (2011), “as práticas de reprodução social, econômica, cultural ou biológica apresentam regularidades. Mas isso não nos permite afirmar que se trata de obediência a regras. As estratégias são produtos do *habitus* que é incorporado socialmente” (SOUZA, 2011, p. 09). Diante disso, é válido assinalar que entendemos a expansão da língua inglesa no campo das publicações científicas como uma estratégia, um *habitus*, e não como uma regra. Isso porque não há uma regra geral que estabelece em quais línguas as revistas devem aceitar a submissão de artigos. São elas mesmas, as revistas, por meio de seus editores e do corpo editorial, que determinam as normas para a publicação dos textos e em quais línguas eles podem ser escritos.

Para Hamel (2017b), se esse processo imperialista mencionado acima fosse um filme, o roteiro poderia ser assim:

1. Divida e fragmente o campo.
2. Concentre-se primeiro em seu componente mais visível, sobressaliente e fetichizado: as publicações que representam o campo no seu conjunto.
3. Construa recortes, produza estatísticas e, se for necessário, distorça-as para comprovar a dominância irresistível do inglês nas publicações e a inviabilidade de qualquer alternativa ao monolinguismo acadêmico.
4. Uma vez cumprido o objetivo no domínio das publicações, avance até o subcampo seguinte que é o da educação superior para impor a hegemonia do inglês com o argumento que o inglês já é quase monopólico nas publicações e que agora se trata de ajustar a docência a essa nova realidade. (HAMEL, 2017b, p. 245. Tradução do autor)



Em que pese no Brasil ainda parecer um pouco distante a parte do roteiro que estabelece o inglês como língua a ser adotada na docência nas universidades, já presenciamos alguns indícios dessa política linguística, inclusive em universidades consideradas pequenas do ponto de vista do número de alunos, da sua localização e do número de cursos de graduação. Esses indícios se manifestam, por exemplo, em disciplina ministrada totalmente em inglês em determinado curso de graduação. Outro exemplo presenciado recentemente por nós é a oferta de curso de extensão com o objetivo de ensinar aos graduandos as especificidades da escrita acadêmica, sobretudo o formato de artigos científicos produzidos em inglês. Para exemplificar, citamos alguns fragmentos de notícias veiculadas sobre esse tema em sites de universidades brasileiras:

Tabela 2: Notícias de ofertas de disciplinas ministradas em inglês em cursos de graduação

Notícia 1) Disciplina 100% em inglês é ministrada no curso de Agronomia. Cerca de 20 estudantes participam nesta semana de uma turma diferente na Universidade Federal do Paraná. (UFPR, 2016).
Notícia 2) Ulbra oferece disciplina ministrada totalmente em inglês. Iniciativa é parte das políticas de internacionalização da universidade. (ULBRA, 2016).
Notícia 3) Aulas ministradas na língua inglesa propõem internacionalização em sala de aula. Para além dos cursos de idiomas, disciplinas curriculares dos cursos de Graduação ganham versões em inglês, oportunizando a aplicação da língua em uma nova perspectiva, com vivências diferenciadas e aprendizados simultâneos. (UCS, 2019).

Fonte: Autoria própria

Como se pode perceber, são vários os casos de disciplinas em cursos de graduação que são ministradas em inglês. Esse dado contribui para o aumento das publicações científicas nessa língua.

3.1. Mais um dado para análise

É válido acrescentar outro elemento nessa discussão. As três revistas investigadas nessa pesquisa privilegiam o inglês no que diz respeito à língua para a qual os resumos dos artigos em português, espanhol ou francês devem ser traduzidos. Na sequência, apresentamos como estão dispostas as normas das revistas no que tange ao item resumo:

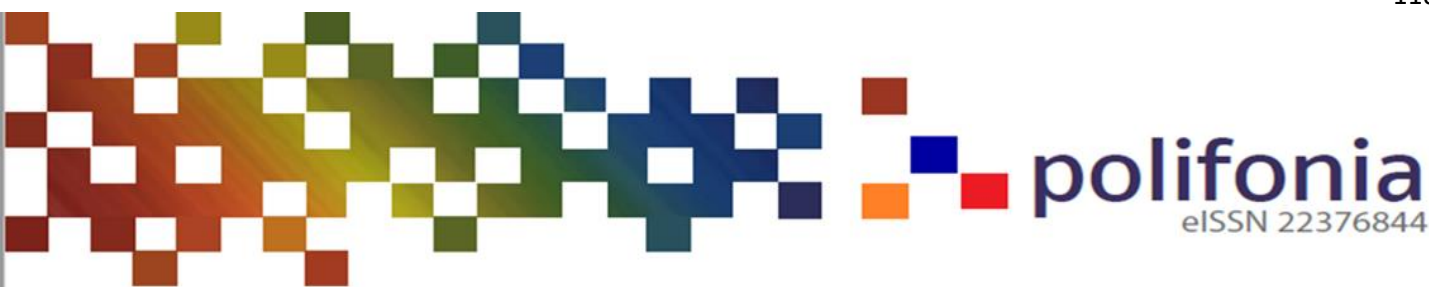


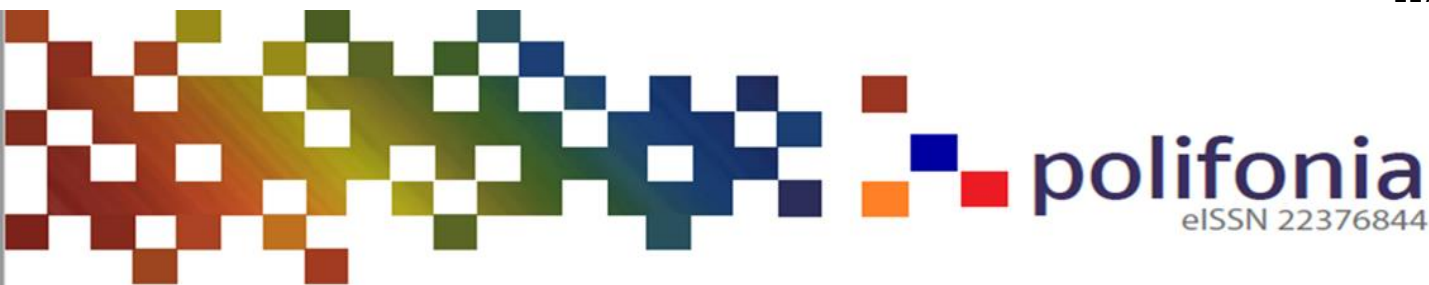
Tabela 3: Normas dos resumos adotadas pelas revistas

Revistas	Normas dos resumos
Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada	Se o trabalho for escrito em português ou em inglês, deve conter título, abstract (de no máximo 100 palavras) e quatro palavras-chave nessas duas línguas. Se o trabalho for escrito em espanhol, deve conter título, abstract (de no máximo 100 palavras) e quatro palavras-chave em três línguas, nesta ordem: espanhol, português e inglês. Se o trabalho for escrito em francês, deve conter título, abstract (de no máximo 100 palavras) e quatro palavras-chave em três línguas, nesta ordem: francês, português e inglês.
Revista Brasileira de Linguística Aplicada	O trabalho deve conter título em português e inglês, incluindo dois resumos de até 10 linhas nas duas línguas, seguidos de lista de palavras-chave também em inglês e português.
Trabalhos em Linguística Aplicada	Resumo - após o título, deverão ser incluídos DOIS resumos de até 300 palavras cada um, digitados em espaço 1, fonte Times New Roman, nº 11. O primeiro deverá ser redigido na língua original do artigo: português, inglês, francês ou espanhol (RESUMO / ABSTRACT / RESUMÉ / RESUMEN); o segundo em língua inglesa. Se o artigo for escrito em inglês, o outro resumo deverá ser em português;

Fonte: Autoria própria

Uma interpretação das normas expostas acima acena para um lugar reservado ao inglês. Não é possível publicar artigo nessas três revistas se o resumo não for traduzido ao inglês, ou seja, há exigência de que os autores dos textos sejam escritores em língua inglesa ou que paguem pelo serviço de tradução para alguém que escreve em língua inglesa. Esse dado é significativo para entender minimamente como funciona um círculo de destinação de espaço para a língua inglesa, algo que reflete na visibilidade que ganha essa língua por estar presente em todos os artigos publicados nas três revistas analisadas, por exemplo. Um dos efeitos dessa reserva de lugar para uma língua em específico é o deslocamento de outras línguas para lugares de menor visibilidade, como revistas com qualificação inferior no Qualis, por exemplo.

Nessa mesma toada de reserva de espaço para a língua inglesa, podemos citar outros dois instrumentos político-linguísticos vigentes no meio acadêmico e educacional. Um deles é a especificação do inglês como a língua estrangeira que deve estar presente obrigatoriamente na matriz curricular das escolas de Ensino Médio no Brasil, como mencionamos anteriormente, determinação ocorrida com a reforma do Ensino Médio, por meio da Medida



Provisória n. 746, convertida na Lei n. 13.415, de fevereiro de 2017. Nessa lei vigente, no Art. 35-A, § 4º, consta que

os currículos do ensino médio incluirão, obrigatoriamente, o estudo da língua inglesa e poderão ofertar outras línguas estrangeiras, em caráter optativo, preferencialmente o espanhol, de acordo com a disponibilidade de oferta, locais e horários definidos pelos sistemas de ensino. (BRASIL, 2017)

Como se pode notar, está especificada na referida lei a oferta do inglês como a única língua estrangeira obrigatória na matriz curricular das escolas, privilegiando esse idioma em detrimento de outros, como o espanhol, por exemplo.

Outro instrumento político-linguístico que contribui para o círculo vicioso de valorização da língua inglesa são os exames de proficiência para ingresso e permanência nos programas de pós-graduação das universidades brasileiras. De modo geral, a maioria dos programas de pós-graduação exige que os seus alunos sejam proficientes em língua inglesa. Jacumasso (2019), na área de Letras/Linguística da CAPES, tem demonstrado que o inglês recebe lugar de destaque nessa etapa da pós-graduação brasileira. A título de exemplo, citamos o contido no edital de seleção para alunos à pós-graduação em Letras de uma Universidade Federal Brasileira, processo seletivo que ocorre no segundo semestre de 2019 para ingresso de novos alunos em 2020. Nas normas que tratam sobre a proficiência em língua estrangeira, consta no edital de seleção que o inglês, o francês, o alemão, o italiano e o espanhol são as línguas aceitas para alunos da área de estudos literários. Na área de estudos linguísticos, o inglês é obrigatório para o mestrado. Para o doutorado, se aceita francês, alemão e italiano como segunda opção e se exige o inglês como língua estrangeira obrigatória. Nessa área, não se aceita o espanhol para alunos de doutorado.

A leitura que fazemos desse caso é de que ao inglês está reservado um lugar de destaque, haja vista que não é possível, por exemplo, obter um título de doutor em Letras, na área dos estudos linguísticos, nessa universidade, se não souber a língua inglesa. Considerando o exposto acima, nossa hipótese é que em outras áreas do conhecimento o inglês ocupa um lugar ainda maior nos exames de proficiência, justamente porque, se na área de Letras em que o estudo das línguas é tema central na formação dos estudantes e, por isso,



deveria ser valorizada a diversidade linguística, isso não ocorre, em outras áreas do conhecimento há chances menores de essa diversidade ser valorizada e visibilizada.

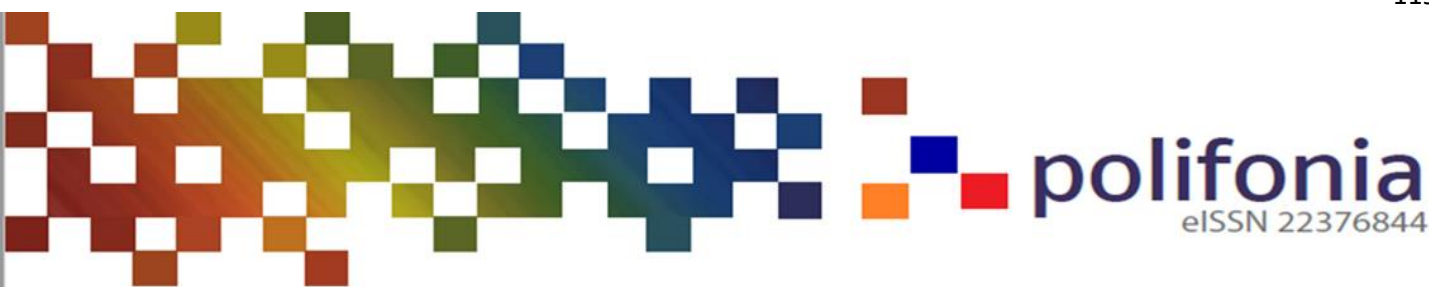
A modo de conclusão das análises, citamos os problemas mencionados por Hamel (2013), ao passo que o monopólio anglófono no campo das ciências e do ensino superior vai se expandindo, especialmente no que diz respeito à publicação de trabalhos científicos. Para o autor, os principais problemas são:

1. A redução da diversidade a uma só língua na produção de modelos, temas e estratégias de investigação levaria, desde uma perspectiva ecológica, a um empobrecimento arriscado do próprio desenvolvimento científico, especialmente nas ciências sociais e humanas.
2. A imposição total do inglês reforçaria ainda mais as assimetrias já existentes, tanto nas condições de acesso à ciência internacional como na produção e circulação da ciência e tecnologia próprias. Se levarmos em conta o valor da ciência como meio de produção, prejudicaria a médio e longo prazo o desenvolvimento da própria economia dos países que abandonam esses espaços.
3. Como consequência da crescente hegemonia do inglês, a academia e os profissionais anglo-saxões se tornam cada vez mais monolíngues na sua competência linguística real, mas ainda mais na prática de seus membros que já não levam em conta o que se trabalha e publica em outras línguas. (HAMEL, 2013, p. 325. Tradução do autor)

Como se pode notar, são sérios os riscos e os problemas causados pela tendência a reservar lugar para uma única língua e, por consequência, de deslocar as outras línguas para lugares periféricos. Fica evidente que não se trata apenas de uma crítica oportunista ao monopólio do inglês. Não se trata também de duvidar da importância dessa língua para a comunicação internacional nos mais diversos âmbitos das sociedades. O que estamos apontando é para a necessidade de reflexão e enfrentamento de uma situação que parece estar sendo naturalizada: a de que o inglês é a única língua importante e todos devem adaptar-se a isso, desprezando o plurilinguismo tão importante e necessário para o desenvolvimento do conhecimento científico.

4. Considerações finais

A proposta inicial de investigar os lugares que ocupam as línguas nas publicações de três periódicos classificados com nota máxima no Qualis/CAPES mostrou que a língua



inglesa ocupa um lugar de destaque em comparação com outras línguas estrangeiras. Em nossa análise, esse lugar é reflexo de um processo que objetiva monopolizar o campo científico e tornar essa língua a única presente nas publicações. Nessa análise, não se pode desprezar a centralidade do inglês como língua internacional nos mais variados âmbitos da sociedade, dando prestígio a essa língua e aos seus falantes. De acordo com Nascimento (2018), “no Brasil, entendo que o neoliberalismo parece ser fortemente marcado pelo colonialismo, em várias esferas, inclusive na educação, em especial a linguística, marcada pelo domínio da língua inglesa” (NASCIMENTO, 2018, p. 42). O neoliberalismo defende a total liberdade de mercado e a restrição do Estado sobre a economia. Uma de suas facetas é a competitividade entre pessoas, instituições, países, entre outros. Para muitos pesquisadores, na tentativa de ser mais competitivo, uma das alternativas é publicar seus trabalhos em língua inglesa, almejando, por exemplo, que seu trabalho seja mais citado e, portanto, atinja níveis mais altos de pontuação em *rankings* e competições de diversa natureza.

Do nosso ponto de vista, para fazer frente a essa tentativa já avançada de monopólio do inglês nessa área, é necessário valorizar a produção científica nacional em língua portuguesa e fortalecer o plurilinguismo, sob o risco de perdemos a autonomia do nosso fazer como pesquisadores, uma vez que um modelo único de fazer ciência baseado em uma única língua pode acarretar prejuízos das mais diversas ordens para pesquisadores e para a humanidade, sobretudo porque aspectos culturais e linguísticos vão se perdendo à medida que apenas uma única língua vai ganhando espaço.

Nosso entendimento sobre essa questão se alinha ao pensamento de Hamel (2017a) quando assinala que para desenvolver “sistemas de bilinguismo e plurilinguismo estáveis e programas de educação bilíngue exitosos com uma orientação de enriquecimento social e de bilinguismo aditivo” (HAMEL, 2017a, p. 49. Tradução do autor) é necessário reduzir os desníveis de prestígio entre as línguas. Para que isso ocorra, no caso sob análise, ao dar lugar a outras línguas nas publicações e ao não dar exclusividade ao inglês em alguns espaços (como o de resumos dos artigos, por exemplo) poderia aumentar a visibilidade de outras línguas, dando mais prestígio a elas, valorizando sua inserção no campo da ciência e das publicações dos resultados das pesquisas. Esse aumento de visibilidade de outras línguas promoveria, por exemplo, maiores possibilidades de conservação de elementos linguísticos e



culturais de comunidades passam por um processo de regressão na manutenção de sua língua e de sua cultura.

Para finalizar, é necessário enfatizar que as línguas não são deslocadas para o centro das atenções ou para as periferias naturalmente. O *status* das línguas é resultado de gestos político-linguísticos que são tomados por pessoas, estejam elas na posição de legisladoras (detentoras do poder) ou não. Isso quer dizer que, se no Brasil e nos outros países da América Latina, por exemplo, houver uma mudança de atitude favorável ao português, ao francês e ao espanhol (e outras), como línguas que podem funcionar nos mais diversos âmbitos da sociedade, é possível fazer frente à desenfreada tendência de tornar o inglês como a única língua do conhecimento científico.

Como possibilidade de ampliação desse estudo, pensamos que a investigação de outros periódicos na área de Linguística Aplicada com classificação menor no Qualis/CAPES poderia fazer um contraponto a respeito dos lugares que ocupam as línguas nas publicações científicas. Além disso, verificar em periódicos especializados em outras áreas do conhecimento, como a Literatura, por exemplo, parece ser um tema que serviria, a depender dos resultados, para reforçar essa análise de que o inglês ocupa um lugar de destaque ou, ao contrário, para rejeitar comparativamente a tese de que o inglês tomará conta das publicações científicas.

Referências

BRASIL. *Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017*. Altera as Leis nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional [...]. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/Lei/L13415.htm>. Acesso em: 19 jul. 2019.

_____. *Lei nº 11.161, de 5 de agosto de 2005*. Dispõe sobre o ensino da língua espanhola. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/lei/111161.htm>. Acesso em: 25 jul. 2019.

CALVET, L-J. *Pour une écologie des langues du monde*. Paris: Plon, 1999.

_____. *As políticas linguísticas*. Trad. Isabel de Oliveira Duarte, Jonas Tenfen e Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial/Ipol, 2007.



COOPER, R. L. *La planificación lingüística y el cambio social*. Trad. José María Serrano. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

FINARDI, K. R.; GUIMARÃES, F. F. Internacionalização, *rankings* e publicações em inglês: a situação do Brasil na atualidade. *Est. Aval. Educ.*, São Paulo, v. 28, n. 68, p. 600-626, 2017. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/6125389.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2019.

GARCÍA DELGADO, J. L.; ALONSO, J. A.; JIMÉNEZ, J. C. (Coords.). *El español, lengua de comunicación científica*. Madrid: Fundación Telefónica y Ariel, 2013.

HAMEL, R. H. La expansión del imperio del inglés: retos para las lenguas súper-centrales. In: BEIN, R. et al. (Coords.). *Homenaje a Elvira Arnoux: estudios de análisis del discurso, glotopolítica y pedagogía de la lectura y la escritura*. Tomo II: Glotopolítica. Buenos Aires: Editorial de la Facultad de Filosofía y Letras Universidad de Buenos Aires, 2017a. p. 41-66. Disponível em: <<http://hamel.com.mx/Archivos-Publicaciones/79.-Hamel-2017-La-expansion-del-imperio.pdf>>. Acesso em: 2 ago. 2019.

_____. Enfrentando las estrategias del imperio: hacia políticas del lenguaje en las ciencias y la educación superior en América Latina. In: DINIZ, A. G.; PEREIRA, D. A.; ALVES, L. K. (Orgs.). *Poéticas e políticas da linguagem em vias de descolonização*. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2017b. p. 229-261. Disponível em: <<http://hamel.com.mx/Archivos-Publicaciones/78.-Hamel-2017-Enfrentando-las-estrategias.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2019.

_____. El campo de las ciencias y la educación superior entre el monopolio del inglés y el plurilingüismo: elementos para una política del lenguaje en América Latina. *Trab. ling. aplic.*, Campinas, n. 52, v. 2, p. 321-384, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tla/v52n2/a08v52n2.pdf>>. Acesso em: 12 ago. 2019.

JACUMASSO, T. D. Política linguística na pós-graduação paranaense: um estudo sobre exames de proficiência. In: SOUSA, S. C. T. de; PONTE, A. S.; SOUSA-BERNINI, E. N. B. de. (Orgs.). *Fotografias da política linguística na pós-graduação no Brasil*. João Pessoa: Editora UFPB, 2019. p. 385-416.

LAGARES, X. C. O espaço político da língua espanhola no mundo. *Trab. ling. aplic.*, Campinas, n. 52, v. 2, p. 385-408, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tla/v52n2/a09v52n2.pdf>>. Acesso em: 05 nov. 2019.

MEC, Ministério da Educação, 2019. Disponível em: <<http://emec.mec.gov.br/>>. Acesso em: 22 out. 2019.

MENEZES, V.; SILVA, M. M.; GOMES, I. F. Sessenta anos de Linguística Aplicada: de onde viemos e para onde vamos. In: PEREIRA, R. C.; ROCA, P. *Linguística aplicada: um caminho com diferentes acessos*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 25-50.



MONTEIRO, J. L. *Para compreender Labov*. Petrópolis: Vozes, 2000.

NASCIMENTO, A. K. Neoliberalismo e língua inglesa: um estudo de caso por meio do PIBID. *Ilha do Desterro*, v. 71, n. 3, p. 39-58, 2018. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ides/v71n3/2175-8026-ides-71-03-39.pdf>>. Acesso em: 23 out. 2019.

SAVEDRA, M. M. G.; LAGARES, X. C. Política e planificação linguística: conceitos, terminologias e intervenções no Brasil. *Gragoatá*, n. 32, p. 11-27, 2012. Disponível em: <<http://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33029/19016>>. Acesso em: 22 out. 2019.

SILVA FILHO, M. N. dos R.; SCHMIDT, C.; SOUZA, A. C. S. de. Interfaces entre a sociolinguística e a linguística aplicada: por uma perspectiva social e política das línguas. *Revista ECOS*, Cáceres-MT, v. 20, n. 1, p. 345-357, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.unemat.br/index.php/ecos/article/view/1514/1467>>. Acesso em: 22 out. 2019.

SOUSA, A. P. de. Regra, estratégia e habitus. *Revista Veredas*, n. 16, p. 7-38, 2011. Disponível em: <https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/34511/1/Veredas16_artigo1.pdf?ln=pt-pt>. Acesso em: 22 out. 2019.

SUCUPIRA, Plataforma Sucupira, 2019. Disponível em: <<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/index.jsf>>. Acesso em: 4 nov. 2019.

UCS, Universidade de Caxias do Sul, 2019. Disponível em: <<https://www.ucs.br/site/noticias/graduacao-aulas-em-lingua-inglesa-propoeem-internacionalizacao-em-sala-de-aula/>>. Acesso em: 5 nov. 2019.

UFPR, Universidade Federal do Paraná, 2016. Disponível em: <<https://www.ufpr.br/portalfpr/noticias/disciplina-100-em-ingles-e-ministrada-no-curso-de-agronomia/>>. Acesso em: 5 nov. 2019.

ULBRA, Universidade Luterana do Brasil, 2016. Disponível em: <<https://www.ulbra.br/canoas/imprensa/noticia/22813/ulbra-oferece-disciplina-ministrada-totalmente-em-ingles>>. Acesso em: 5 nov. 2019.

ZIMMER, M. O bi/multilinguismo e o seu impacto sobre o potencial criativo. In: X SEMANA DE EXTENSÃO, PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO DO UNIRITTER, 10, 2014, *Anais...* Porto Alegre: UniRitter, 2014. p. 01-08. Disponível em: <https://www.uniritter.edu.br/uploads/eventos/sepesq/x_sepesq/arquivos_trabalhos/2966/293/281.pdf>. Acesso em: 5 nov. 2019.